

# PADRE HUGO GRECO

\* Lugo, Ravena, Itália - 12/12/1912

† São Paulo, Brasil, 22/06/1990



Inspetoria Salesiana de São Paulo  
Colégio São Joaquim • Faculdades Salesianas • Lorena/SP - Brasil



**E**m nossas casas salesianas sempre ouvimos: “A santidade consiste em viver na alegria” (Dom Bosco, Domingos Sávio). Felizmente sempre pudemos conviver com salesianos que encarnaram em sua vida esta verdade. Padre Hugo Greco é um, dentre tantos, que soube manifestar a alegria de ser “santo”, seguindo o Projeto Educativo Salesiano de Dom Bosco. Deus seja louvado. Que Ele suscite outros.

É muito difícil colocar em algumas linhas a riqueza humano-cristã, salesiano-sacerdotal do inesquecível Pe. Hugo; ainda mais quando todos os que puderam conviver com ele têm a convicção de ter tido contato com um “santo”.

Fala-se do Pe. Hugo: é o santo que toca violino; que ajuda os pobres; que gosta de astronomia, botânica, geologia; que gosta de lecionar; que é atencioso com seus alunos; que gosta de ler e traduzir clássicos gregos e latinos; que perdoa com misericórdia os pecados; que cuida com carinho do Santuário São Benedito de Lorena; que aprecia celebrar Missas para os idosos do Lar São José; que abençoa e espanta pragas dos campos agrícolas; que gosta de um bom copo de vinho e não desdenha uma cervejinha festiva; que se agrada com batatinhas fritas; que não recusa uma boa macarronada; a quem apraz um bom filme, possivelmente um “bang-bang à italiana”; que se deleita em fazer poesias... Cândida riqueza... que alegria... que homem... que salesiano sacerdote... que “santo”!

Tudo isso acabou naquela noite de 22 de junho de 1990, Festa do Sagrado Coração de Jesus, num hospital da cidade de São Paulo, quando o nosso querido Pe. Hugo partiu para o encontro definitivo com o Pai de toda a Misericórdia? Não. Todo o seu ser configurado com Cristo Sacerdote foi transformado em nova vida no eterno “Jardim Salesiano de Dom Bosco”

### **Informações Biográficas**

Deixemos que o próprio Pe. Hugo se nos apresente com mais detalhes de sua vida terrena; para tal usamos sua entre-

vista ao Professor Baptista, seu ex-aluno de grego e latim, do Jornal Lorenense “ A Cidade”, de 24 de outubro de 1978:

— “Bem... eu não queria dizer, mas nasci em 12 de 12 de 12, isto é: 12 de dezembro de 1912. Meus pais: João Greco e Emília Dirani. Onde: na Itália, em uma cidade que fica no nordeste da Península, entre Bolonha e Ravena, chamada Lugo. Embora seja uma pequenina cidade, é, como se diz de Portugal: “Jardim à beira-mar plantado”. Motivo da vinda ao Brasil: no seminário onde estudei, perto de Turim, os alunos tinham de seguir para a América do Sul, a fim de trabalhar e ajudar nas casas salesianas. Alguns companheiros seguiram para o Chile, outros para a Colômbia, outros para a Venezuela e outros para a Terra do Fogo. Eu e mais cinco fomos destinados ao Brasil, em fins de 1931; viemos de navio; desembarquei no Rio de Janeiro; passei um dia em Niterói e segui para Lavrinhas.

“Fato interessante: quando menino, eu estava na Itália, no aspirantado, e chegou um Padre Inspetor Salesiano do Brasil. Era o Pe. Pedro Rota. Chegou de manhã, quando acabávamos de sair do café. Mostrou-nos um cartão postal colorido de um lugar do Brasil e falou-nos, quase por brincadeira:

— “Quem quer vir aqui?” Eu que estava ao seu lado, também em tom de brincadeira, levantei o dedo e respondi: “*io*”. Passaram-se os anos. Quando chegou o tempo de partir, mandaram-me para o Brasil, e, quando aqui cheguei, na casa em que me instalei, no pórtico, estavam enfileiradas muitas fotos coloridas, entre elas justamente aquela que eu havia visto nas mãos do Pe. Pedro. Concluí que havia vindo para o mesmo lugar que, anos atrás, havia escolhido por brincadeira! Foi de fato uma feliz coincidência, mas uma coincidência providencial do céu!

“Fiz o noviciado em Campinas em 1932. Os estudos filosóficos em Lavrinhas. Meu tirocínio foi em Cachoeira do Campo, perto de Ouro Preto, MG, por três anos (1935 - 1937), onde praticamente aprendi a falar o português, e onde muito me interessei por geologia. Fiz Teologia em São Paulo, de 38 a 41. Fui ordenado sacerdote dia 8 de dezembro de 1941. Em 1942, neo-sacerdote, fui para Lavrinhas lecionar no Instituto Salesiano

de Pedagogia e Filosofia. Em 1943, com o Instituto, vim transferido para o Colégio São Joaquim de Lorena (onde permaneceu até o final de sua vida terrena).

“Estou em Lorena desde 1943. Aqui já fiz um pouco de tudo; já cuidei do Santuário São Benedito; já fui catequista no tempo do aspirantado; dei aulas no Colégio São Joaquim; e, depois de fundada a Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, lecionei no curso superior (a partir de 1986 lecionou Latim para alunos da Faculdade Salesiana de Direito; esta atividade de lecionar no curso superior exerceu-a até o início de 1990).

“Se gosto do Brasil? Para mim, depois da Itália, não há outra terra como o Brasil. É a minha segunda pátria. Depois do amor a Deus, e depois do amor à família, acho que o amor à pátria é o mais sublime; é o amor mais sagrado. Neste sentido, deixo esta mensagem: Gloriem-se de pertencer a uma pátria tão grande, a uma pátria tão bela.”

## **Nova Vida**

Na noite de seu passamento desta para outra vida, estava ao seu lado o Pe. Justo Ernesto Piccinini. Outros salesianos, pré-noviços e amigos tinham acompanhado em seus últimos dias o Pe. Hugo que sofria por problemas cardíacos, mas com um coração cheio de esperança, de simpatia e transbordante de santidade.

Na madrugada do dia 23 de junho o Sr. Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, vice-inspetor salesiano, e o Pe. Justo tudo providenciaram para que o corpo fosse transportado para a cidade de Lorena. Telefones e mensagens radiofônicas difundiram a triste notícia na manhã daquele sábado. Às oito horas da manhã o corpo do nosso querido Pe. Hugo já estava sendo velado no seu amado Santuário de São Benedito. Durante todo o dia, muita gente manifestando sua amizade e gratidão. Sacerdotes celebrando missas exequiais. Noite de vigília do sábado ao domingo.

No domingo, dia 24, tocante concelebração eucarística presidida pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano de Lorena, Dom João Hipólito de Moraes. O Sr. Pe. Luiz Gonzaga Piccoli, inspetor salesiano, pronunciou a homilia, destacando cinco palavras-chaves, apoiado em testemunho do ex-diretor do Colégio São Joaquim Pe. João Modesti: "Pe. Hugo simples, sábio, salesiano, sacerdote e santo." Cerca de quatro mil fiéis, muitos jovens, pobres e crianças, participaram da missa e do préstio até o Jazigo Salesiano no Cemitério Municipal de Lorena.

Registro aqui a gratidão da Família Salesiana às equipes médicas de Lorena e de São Paulo que com competência e carinho prestaram seus serviços ao Pe. Hugo. Também a gratidão ao povo lorenense, que com suas preces e demonstrações de interesse esteve ao lado do Pe. Hugo em seu Calvário e na sua Ressurreição. Deus lhes pague!

### **Simples**

A simplicidade é uma virtude que nos torna livres como as crianças e nos garante a entrada nos céus, diz Jesus.

No dia-a-dia, na sala de aula, nas homilias, ao receber homenagens, em todas as circunstâncias o Pe. Hugo era o mesmo: sorriso cordial, poucas palavras. Muita observação e discrição guiavam-no ao expor suas idéias nas reuniões da comunidade salesiana, sempre centro de atenção pelo modo singelo de ser e de se manifestar.

Foi "simples como as pombas e esperto como as serpentes", ao viver entre nós.

Simplesmente, viveu admirável simplicidade.

### **Sábio**

Pe. Hugo impressionou a todos por sua paixão pela natureza: "as estrelas as conhecia pelo nome... os pássaros pelos cantos... os animais e as plantas por seus grupos familiares..." (uma ex-aluna). Mas isso é fruto de muitos anos de estudo e pesquisas.

Esse sábio foi um apaixonado pela docência, pela biblioteca e pelos seus alunos. Vejamos o depoimento do Sr. Pe. Antônio da Silva Ferreira, seu ex-aluno e ex-diretor da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras: “Quando se falava de como motivar as aulas, o Pe. Hugo insistia não apenas na preparação séria e acurada daquilo que o professor devia transmitir; para ele era igualmente importante o descobrir a maneira pela qual o aluno iria receber a aula dada, e queria que fosse de maneira agradável.

“Nos anos 60, quando a Faculdade funcionava no prédio do Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia, havia um sério problema com as aulas do Pe. Hugo: ele tinha uns setenta alunos inscritos para suas aulas de geologia, botânica, zoologia, astronomia; mas pouco antes do início da aula era uma correria dos alunos para conseguir lugar na sala, pois havia tantos alunos que voluntariamente queriam assistir às aulas que o número total passava de cem. Ficavam satisfeitos se ao menos conseguiam um lugar no pórtico, diante da porta aberta da sala, e assim podiam ver o professor, o quadro-negro e os meios didáticos de que se servia.

“Nos anos 80, quando o Pe. Hugo já era velhinho, os alunos de Ciências nem sempre se entusiasmavam com suas aulas no início do ano. Mas à medida que passavam as semanas, ia crescendo o gosto dos alunos pela matéria, pois viam que as aulas eram sempre bem preparadas e dadas sempre com muito material didático. E disputavam um lugar na ‘procissão’ de entrada de aula, quando deviam transportar para a sala todo aquele material que o Pe. Hugo tinha colhido durante o dia e organizado para a lição. E ele sempre tinha momentos de bom humor, que aumentavam nos alunos a amizade e a admiração pelo professor.” Essa ‘procissão’ e interesse se pôde ver até semanas antes de sua morte.

Eis o testemunho do Sr. Pe. Mário Bonatti, vice-diretor da Faculdade Salesiana de F.C.L., que por muitos anos conviveu com o Pe. Hugo: “Latinista apaixonado, helenista seguro, de conversar os clássicos com maior intimidade. Entusiasmado e teimoso cultor das ciências da natureza: botânico arguto e

meticuloso, capaz de sentir e fazer sentir intensamente o pulsar das plantas e a poesia das flores. Naturalista de olhos límpidos e alma imensa, encanta-se até diante da pedra fria que o leigo chutou, diante do vermículo nojento... Astrônomo encantado, sabe ler e entender as estrelas com verdadeira devoção, como num êxtase amoroso. Professor nato e consciencioso, competentíssimo e interessado, tem sempre tido o invejável condão de conseguir transmitir seu próprio entusiasmo científico às variadas turmas de alunos nos variados campos do saber.”

Testemunha o famoso latinista Sr. Pe. Júlio Comba, ex-diretor da Faculdade Salesiana de F.C.L. e do Colégio São Joaquim: “Mais de uma vez, não conseguindo localizar algum trecho de Virgílio, recorri ao Pe. Hugo e ele, com prontidão, me indicava a posição dos versos desejados, nas Bucólicas, nas Geórgicas ou na Eneida.”

Declara um seu ex-aluno: “Poucos souberam, como ele, contagiar pela fé inabalável, alegria e confiança em Deus. Manancial inesgotável de cultura, a todos ajudava, a todos compreendia. Nenhum olhar parecia brilhar tanto como o dele quando nos falava da natureza, da criação. Sinal do carisma de Dom Bosco, Padre Hugo ficará para sempre em nós como a mais doce saudade, saudade da Casa do Pai, da qual nos acena hoje, com o inesquecível sorriso largo” (Gabriel B.I. Chalita).

Com sua partida, o Pe. Hugo “deixou uma grande lacuna nos corações vale-paraibanos, pois teve importante papel na formação educacional dos jovens da nossa região” (Deputado João Bastos).

Mas a maior sabedoria do Pe. Hugo foi conhecer Jesus Cristo, aceitá-lo como Senhor e testemunhá-lo com alegria. Vivendo em harmonia com Deus e com a natureza, convidava seus educandos a conviver com ele essa experiência maravilhosa.

## **Salesiano**

O Pe. Hugo viveu os Conselhos Evangélicos, viveu a Comunidade Religiosa Salesiana, viveu a Missão Educativa na

escola/faculdade/confessionário/liturgia. Viveu salesianamente o Carisma de Dom Bosco.

Houve quem dissesse, vendo fotos de Dom Bosco: “Pe. Hugo se parece com Dom Bosco” (talvez pelo ‘penteado’ de seus cabelos! Talvez pela transparência luminosa de sua santidadade salesiana!). Testemunhou o Exmo. Sr. Bispo Diocesano de Taubaté Dom Antonio Afonso de Miranda e ex-bispo diocesano de Lorena: “O querido e santo Pe. Hugo, muito o admirei. Seu sorriso, sua grande humildade, sua irradiante bondade, creio eram a fisionomia do salesiano autêntico.”

Na Missão Salesiana, ele amou e se fez amar; foi educador sem par. Lamentava o estrago que certos filmes e as drogas estão causando em nossos jovens; em comentários à mesa dizia que aos traficantes era necessário aplicar a passagem evangélica: “ai daquele que escandalizar um desses pequeninos... Melhor seria atar-lhe uma mō de moinho e jogá-lo no fundo do mar”.

Sua vida na Comunidade Religiosa era ativa: presença em todos os atos, mesmo tendo que sair para tantos atendimentos a doentes, a enlutados, para benzer residências ou para atender os ‘seus pobres’.

Nas refeições sempre trazia o prato do bom humor e as receitas do fictício famoso e bonachão “Dr. Bonarion”, que recomendava aos seus clientes: “Coma e beba tudo que é bom, se for muito bom, repita”. Nas comemorações de aniversariantes ou festas aceitava, às vezes, tocar seu violino. Seu violino era ouvido diariamente ao longo dos pórticos do Colégio São Joaquim (alguém me disse: “entrando aqui ainda vejo o querido Pe. Hugo tocando violino ali ao lado da biblioteca”).

Apreciava os passeios comunitários, e ultimamente pedia licença para passear na cidade paulista de Franca, onde cultivou grandes amizades, inclusive no hospital onde foi socorrido por problemas cardíacos.

Pe. Hugo era muito respeitoso com todos. “Como eu convivi muito com ele gostaria de lhe dizer uma impressão que muito me acompanha, lembrança que pode ser boa para todo

o mundo: nunca vi ou ouvi o Pe. Hugo falar mal de alguém” (Pe. Vicente P.M. Guedes, ex-diretor do Colégio S. Joaquim e Faculdade Salesiana F.C.L.).

Sua pobreza nos trajes era notória, nunca chegando, porém, ao desmazelo; usava exclusivamente o necessário; tinha licença para dispor do exíguo “auxílio velhice” da Previdência Social em favor de ‘seus pobres’. Sua Castidade era irradiante. Sua Obediência se manifestava na alegria da missão cumprida.

### **Sacerdote**

Em todas as atividades que exerceu, o Pe. Hugo sempre foi *padre*. Aqui em Lorena, ele despendeu 47 anos de ministério sacerdotal.

Em uma das missas exequiais celebrada pelo Pe. Hugo, o Sr. Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, ex-diretor do Colégio S. Joaquim e Faculdades Salesianas, perguntou aos fiéis presentes: “Quem não fez a experiência de receber o perdão de Deus pelas mãos e palavras do querido Pe. Hugo”? Foi quase total o testemunho da experiência tida.

Pe. Hugo sempre foi disponível para celebrar o sacramento da Reconciliação em forma pessoal: acolhia a todos indistintamente; com ele se vivia a experiência de ser acolhido e perdoado por Deus. Ele não só distribuía o perdão de Deus mas também dele se aproximava com freqüência; essa experiência de sentir-se amado e perdoado era por ele transmitida.

Todas as suas homilias eram cuidadosamente preparadas durante a semana, sobre os textos latino e grego do Novo Testamento e anotadas em típicos papeletes. Eram palavras do coração: queria fazer-se entender - contava histórias, fabulava, fazia gestos largos, sorria... Procurava mostrar que a Palavra de Deus era um fardo leve, um alimento para a vida. Já em seus últimos meses, devido à fraca voz, pedia a alguém para ler o texto que com carinho preparava. Eis um trecho de sua última homilia, no domingo do Bom Pastor, encontrado num papelinho dentro de seu “Liturgia das Horas”: “... à morte do Bom

Pastor se segue um grande prodígio, admirável, glorioso: Ele ressuscita, volta a viver e a rever suas amadas ovelhinhas".

Quer nas missas que celebrava, cotidianamente, no Lar São José, no Santuário São Benedito, na Capela São Roque ou nas Capelas Rurais da região; quer nas Exposições de Bênçãos do SSimo. Sacramento às quintas-feiras; quer nas procissões de que participava, mesmo com dificuldade por causa de seus calos; quer nos enfeites que carinhosamente preparava na Semana Santa, em Corpus Christi ou nas festas de Nossa Senhora... em tudo se percebia *amor-paixão-dedicação-alegria* por servir a Deus e incentivar os fiéis a fazereim o mesmo.

Não podíamos exigir dele muitas 'novidades' na Liturgia, mas ele sempre se esforçou por acompanhar e aplicar as reformas propostas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

## Santo

Não temos dúvidas de que, realmente, o Pe. Hugo foi um grande sinal do amor e da santidade de nosso Deus Uno e Trino. A Trindade seja louvada na perfeição de seus santos.

A santidade do Pe. Hugo manifestava-se na dedicação aos outros. "O Senhor colocou-nos neste mundo para os outros" (Dom Bosco). Os pobres foram os seus "prediletos": saía a pé pela cidade e ia visitá-los em seus barracos ou casas, e lá deixava carinho, consolo, bênçãos, mantimentos, remédios e dinheiro; encontrando alguém necessitado pelo caminho, sempre tinha algo para lhe oferecer. Ultimamente atendia seus pobres na portaria do Colégio e uma vez por mês saía de carro, com uma benfeitora, levando mantimentos para muitas famílias necessitadas. Esses pobres desfilaram gratidão e prantos durante suas exéquias

Lembrando esse serviço aos pobres, o local de estágio e atendimento aos pobres, da Faculdade Salesiana de Direito de Lorena, foi designado "Escritório Modelo de Advocacia Padre Hugo Greco". Seus amigos do Santuário São Benedito constituíram uma "Comissão de Solidariedade Padre Hugo" para continuar atendendo os "pobres do Pe. Hugo" (são hoje noven-

ta famílias). Uma avenida da cidade recebeu seu nome, como sinal de gratidão dos cidadãos.

Temos ouvido pessoas repetirem que já alcançaram Graças de Deus, pedindo-as por intercessão do Pe. Hugo. Deus é a fonte de todas as graças! Nós que acreditamos na Comunhão dos Santos, não podemos negar ou duvidar da participação do Pe. Hugo nessa divina comunicação.

“Não há exagero em se afirmar que, se depender do povo, o Pe. Hugo já é santo e não precisa de nenhum processo de canonização. Todos o tinham, já em vida, como o Padre Santo. Ele era, reconhecidamente, um homem singular, um homem de Deus, rico de dotes humanos de inteligência e de coração, por ele bem cultivados, com esmero de artista” (Pe. Mário Bonatti).

Em tudo se refletia sua santidade; eis o final da poesia “A gotinha de orvalho” que Pe. Hugo entregou a sua “distinta e boa ex-aluna de Latim, Maria Inácia, 12 nov. 1981”:

— “Agarrada com força à verde folhinha, / assim suplicava a humilde gotinha: / Ó filha gentil, de plantinha formosa, / sê boa comigo, folhinha mimosa; / me segura, não me deixes cair por favor, / perderia das jóias o vivo esplendor, / e, gotinha de orvalho, voltaria ao meu nada, / das coisas mortais ó tristonha morada. / Oxalá possa eu ser a gotinha de luz / irradiando a mensagem de Cristo Jesus, / mensagem divina de paz e amor, / que cura da alma a tristeza e a dor.”

## Homenagem Póstuma

Para encerrar procurei fazer uma leve adaptação do texto “Homenagem Póstuma a Tancredo Neves”, que Pe. Hugo escreveu e enviou ao então Presidente da República Exmo. Sr. José Sarney, em 9/10/86. Sigo, quase literalmente, o texto original do Pe. Hugo; é algo que mostra bem o seu estilo de falar; sua concepção de céu pode ser até exagerada, mas no seu dia-a-dia ele nos “ajudava a fazer a experiência do céu”, disse alguém. Eis o texto:

No momento em que a alma do Pe. Hugo Greco, tão querido ao povo e tão querido ao céu por suas virtudes, deixava este mundo, a sala do Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo, na noite de 22 de junho de 1990, festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus, se iluminou de uma luz suave e misteriosa e, no meio da luz, apareceu um Anjo. Que majestade!

— “Quem é você”? perguntou admirado o Pe. Hugo.

— “Eu sou o Anjo Salesiano”, responde o celeste mensageiro, “enviado por Nossa Senhora Auxiliadora para conduzi-lo ao céu, ao Jardim Salesiano, onde está sendo ansiosamente esperado. Mas, antes de partirmos, vamos assistir ao triunfo de seu funeral aqui na Terra”.

E o Anjo Salesiano com o Pe. Hugo, invisíveis aos olhos mortais, contemplam as lágrimas dos amigos que deixou no Hospital; admiram o trabalho intenso e dedicado dos padres salesianos Nivaldo Pessinatti e Justo Ernesto Piccinini preparando o corpo para ser transportado a Lorena.

Durante a viagem para Lorena, quando passaram por Aparecida do Norte, o Anjo disse ao Pe. Hugo: — “Veja que maravilha o Santuário-Basílica dedicado à querida Mãe de Jesus, a Virgem Imaculada Aparecida, que você tanto ama e que o espera de braços abertos no céu”.

Chegando a Lorena, o Anjo lhe diz: — “veja, Pe. Hugo, é sábado, 7h45 e seu corpo está entrando na Basílica Menor Santuário de São Benedito, que você tanto cuidou e amou. Veja seus amigos, seus irmãos salesianos e pré-noviços comovidos, tristonhos, mas com fé na sua ressurreição”.

Ao longo do dia e da noite, o Anjo e o Pe. Hugo olhavam todos aqueles que no Santuário entravam para agradecer tudo o que o padre tinha sido e feito por eles. Quanta gente! Quanto amor! Quanta gratidão! Quanta esperança!

Chegou o domingo, o Dia da Ressurreição do Senhor. E ambos os personagens vêm a grande multidão de fiéis e sacerdotes, liderados pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom João Hipólito de Moraes, e pelo Padre Inspetor Salesiano, Luiz Gonzaga Piccoli, celebrando a última de uma série de missas

exequiais. E os dois continuam admirando o cortejo fúnebre que lenta e solenemente avançava, nesta manhã dominical, dos pátios do centenário Colégio São Joaquim para o Jazigo dos Salesianos no Cemitério Municipal de Lorena. É uma multidão de aproximadamente quatro mil pessoas, vindas de todas as partes de Lorena, acompanhando o ataúde, com lágrimas nos olhos, preces e palavras de saudade e gratidão nos lábios: — “Querido Pe. Hugo! Amigo dos pobres! Amado Professor! Padre Santo! Adeus, Pe. Hugo!” Era tudo comovente...

No ataúde, coberto de flores e envolvido pela Bandeira da Irmandade de São Benedito, o corpo do Pe. Hugo dormia o sono do justo. E o Anjo disse:

— “Pe. Hugo, você merecia esse triunfo pelo bem que tem feito; em seu coração sempre brilhou a luz da fé desde menino, desde quando, coroinha, você ajudava a Missa em sua terrinha de Lugo, Itália. Viu, Pe. Hugo, como o povo o ama? E sabe o por quê? Porque via em você os melhores dotes para um padre salesiano: simples, sábio e santo”.

E o Pe. Hugo acrescentou: — “Já a minha saudosa mãe costumava dizer-me que Deus dispõe tudo para o bem daqueles que o amam; seja feita a vontade de Deus”!

E o Pe. Hugo continuou: — “Mas, mudando de assunto, meu bom Anjo, quero fazer-lhe uma pergunta, porque fui muito curioso, e até demais. O senhor se apresentou a mim como sendo o Anjo Salesiano, e as suas insígnias o confirmam; como lhe foi confiada essa missão e por quê?” E o Anjo explicou a sua missão e terminou dizendo: — “E agora que a sua curiosidade foi satisfeita, voemos rumo ao céu”.

E os dois foram subindo e cruzando os espaços infinitos do firmamento, onde tremeluziam miríades de astros que cantavam a Glória de Deus, numa visão tão linda que Pe. Hugo, espontaneamente, repetiu a estrofe do poeta: “Eis aberto o Livro Imenso, / o Livro do Infinito, / onde, em mil letras / de fulgor intenso, / Seu Nome adoro escrito”.

No seu vôo, passaram diante de inúmeras constelações, que a imaginação dos antigos povoara de seres fantásticos e mitológicos e cujos nomes o Anjo ia pronunciando à medida que

apareciam: as brilhantes Plêiades; Órion, o caçador celeste a lutar contra o Touro de olhar de fogo; atrás do caçador seguia a matilha dos seus cães de caça: o Cão Maior e o Cão Menor; Sírius, a mais brilhante estrela do firmamento, na passagem do Anjo empalideceu. Viram a Virgem com a azulada Espiga; o Escorpião avançando sorrateiramente, seguido pelo Sagitário com a flecha já na corda do arco, pronta para ser disparada. Havia grupos de constelações que representavam no céu, escritos em letras de luz, verdadeiros romances vividos sobre a Terra. Quanta beleza e fascinação! Quando passaram diante do Cruzeiro do Sul, a maravilhosa constelação que brilha no céu do Brasil, ambos inclinaram-se reverentes diante dela.

Disse o Pe. Hugo: — “Sabe, meu bom e belo Anjo, pois em você bondade e beleza parecem ser a mesma coisa, sabe que a sua companhia me tem tornado um astrônomo? Como é que o senhor sabe tanta coisa?” E o Anjo respondeu: — “É por um dom divino, concedido a todos os que estão no céu, chamado ‘Ciência Infusa’ pela qual conhecemos todos os mistérios, segredos e leis da Natureza”.

Pe. Hugo perguntou: — “Que vem a ser a Natureza que os homens tanto admiram e alguns até adoram?” E o Anjo disse: — “A Natureza é a própria obra divina da criação, regida por leis, muitas delas desafiando a inteligência humana e que são a causa da beleza e da ordem do Universo. A Natureza é a executora das leis de Deus. Deus é o oceano do qual deriva tudo o que é bom e belo, tudo o que é verdadeiro e justo, tudo o que é nobre e santo. Ele é a inspiração dos artistas, a luz dos profetas, a força dos mártires, a alegria e a paz dos bons. O céu é a visão sem véus e a posse eterna de Deus que é a Luz e o Amor em sua essência”.

E assim, os dois, enquanto se entretinham durante o vôo em tão agradáveis e instrutivas conversas, folheando as páginas do grande livro da Natureza, sem Pe. Hugo o perceber, haviam chegado à meta final da sua viagem através do firmamento. — “Olha, Pe. Hugo”, disse o Anjo, acenando para a Porta Fornosada do Céu.

Na entrada, esperando por Pe. Hugo, estava Nossa Senhora Auxiliadora com seu manto azul-rosa, acompanhada por Dom Bosco, anjos e santos. De um lado e de outro, uma multidão imensa de almas benditas. O Anjo dizia ao Pe. Hugo o nome de muitas delas. Todos, sorrindo, agitavam palmas, dando as boas-vindas ao Pe. Hugo.

E assim como a Lua, no seu plenilúnio, quando assoma no horizonte, faz empalidecer a Luz de todas as estrelas, assim era Nossa Senhora: o encanto da sua formosura e o esplendor da sua graça se irradiavam sobre toda aquela feliz multidão, com uma diferença: em vez de fazer empalidecer, tornava ainda mais bela a luz da graça de cada uma das almas. De repente, se fez um grande silêncio e todos os olhares se voltaram para Nossa Senhora que, sorrindo, acenou para o Pe. Hugo se aproximar. Pe. Hugo queria se ajoelhar e beijar-lhe os pés, mas Nossa Senhora não deixou; levantando-o, o abraçou carinhosamente, dizendo: — “Ó meu bom filho, finalmente chegou! Como você era esperado! Porém, antes de entrar no Paraíso, quero mostrar-lhe uma cousa. Olhe lá em baixo para o céu estrelado”.

E, naquele momento, sobressaindo sobre o fundo estrelado do firmamento, apareceu, envolta em sua atmosfera azul, a Terra, a princípio pequenina e depois aumentando sempre mais à medida que se acercava, tal como sói acontecer com uma paisagem vista através de uma teleobjetiva, que aos poucos vai suprimindo as distâncias. — “A minha Itália... o meu Brasil!” exclamou o Pe. Hugo.

E olhando com mais detalhes o Histórico Vale do Paraíba, com o seu rio a serpentejar por entre morros e em sua margem, numa cidadezinha abençoada, altear-se o magnífico Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, sob os cuidados dos zelosos Redentoristas. Disse Nossa Senhora: — “Ali está o meu Trono, o trono das graças, para onde acorrem os meus filhos, vindos de todos os recantos do Brasil, para me testemunhar o seu amor filial, para agradecer favores recebidos ou para encontrar junto de sua Mãe do Céu luz, consolo, ajuda e coragem. Nenhum povo da Terra me quer tanto bem, especi-

almente o povo simples e sofrido do interior. O meu Nome está sempre nos seus lábios e cada coração é um pequeno Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Sinto um estremecimento de amor, quando penso no povo brasileiro que me quer tanto bem. Foi ele que me escolheu como sua Rainha e Padroeira do Brasil. Sei por quantas provas esse País tem passado...!”

— “E, agora, Pe. Hugo”, continuou Nossa Senhora, “de mãos dadas comigo, entre no Paraíso. Jesus o espera de braços abertos. Já ouço o canto dos Anjos chamando: Vem, bendito do Pai Celeste!”

E, ao transporem o limiar sagrado, uma luz mais bela que a de todos os astros, um perfume mais suave que o de todas as flores e uma harmonia tão doce, como nunca na Terra se ouviu igual, envolveu a alma extasiada do Pe. Hugo.

E o Anjo lhe disse: — “Pe. Hugo, está vendo ao longe, na Cidade de Deus, aquele maravilhoso arco-íris de luzes? Debaixo dele, sobre um piso de esmeraldas, está o Trono da Santíssima Trindade, o trono do Amor e da Beleza eterna, cuja visão e posse constitui a felicidade suprema dos anjos e dos santos e que será também a sua. Para lá o conduzirá Nossa Senhora Auxiliadora, sua e minha Rainha. E, agora, a minha missão de o conduzir ao céu está cumprida. Adeus, meu querido Pe. Hugo. Como Anjo Salesiano, tenho que voltar para estar com seus irmãos de Congregação”.

Pe. Hugo nem teve tempo de agradecer e dar-lhe um abraço e um beijo de despedida; o belo Anjo já voava com suas cândidas asas através do firmamento, cantando a sua habitual e doce canção: “Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra aos homens por Ele amados”.

*Nós cremos na Comunhão dos Santos e na Vida Eterna. Amém.*

*Comunidade Salesiana São Joaquim  
Pe. Gilberto Luiz Pierobom - diretor  
Lorena - SP*

## **Dados para o necrológio:**

*Pe. Hugo Greco* - nascido em Lugo, Ravena, Itália, 12/12/1912;  
- falecido em São Paulo, Brasil, 22/06/1990 com  
77 anos de idade, 57 de Profissão Religiosa  
Salesiana e 48 anos de sacerdócio ministerial.



Composto e impresso pelos alunos das  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua Dom Bosco, 441 - CEP 03105 - Mooca  
Fone: (011) 277-3211 - Fax: (011) 279-0329  
São Paulo - SP



